

Mãe de Honestino aponta pistas

André Luiz Ramos



Maria Rosa Leite Monteiro, mãe de Honestino, depõe na OAB

Malu Pires

O líder estudantil Honestino Guimarães pode ter estado preso no Pelotão de Investigações Criminais (PIC) do Exército em dezembro de 1973, depois de ter sido preso em 10 de outubro pelo Cenimar (Centro de Informações da Marinha), no Rio de Janeiro. A informação consta do depoimento da mãe do estudante — Maria Rosa Leite Monteiro — dado ontem à Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção DF.

Sua opinião se baseia na visita que fez 15 dias antes do Natal de 1973 ao comandante da 1ª Companhia do Exército. Na ocasião, afirmou Maria Rosa Monteiro, ela pediu ao general autorização para visitar o filho e ele atendeu a solicitação encaminhando-a ao PIC. Lá, foi informada que poderia ver o filho no dia do Natal. Na data, entretanto, disseram-lhe que Honestino Guimarães não estava preso ali.

Reforça esta versão dados obtidos por Maria Rosa Monteiro du-

rante a tomada do depoimento. A médica Gláucia Cotta — amiga da família — fez uma ligação interurbana de Vitória (ES) dando os nomes das fontes que afirmaram na época a seu pai que Honestino Guimarães estava preso no PIC. São eles: os tenentes Luís da Silva Flores, Têlio Braun de Azevedo e José Eduardo Brito e o general Van Derbroock, todos lotados no PIC naquela época.

Segundo dona Maria Rosa, o pai de Gláucia Cotta — Gripp Cotta — era o intermediário das informações dadas pelo general, e Luís da Silva Flores foi noivo da médica. Têlio Braun de Azevedo e José Eduardo Brito eram amigos de Luís Flores. Outra pessoa que teria informações sobre o episódio é o advogado João Pelles. A AOB/DF tentará agora localizar os militares e o advogado para deporem frente à Comissão de Direitos Humanos e tomará no Espírito Santo as declarações da médica Gláucia Cotta.

De acordo com Maria Rosa Monteiro, após sua passagem pelo

PIC do Exército, Honestino Guimarães teria sido transferido para São Paulo, onde viria a ser morto pelos órgãos de repressão em março de 1974. “Existe uma pessoa que afirma ter visto meu filho bastante doente num hospital paulista”, assinalou, frisando que esta informação vai ao encontro de dados que tem neste sentido.

Pistas

Os trabalhos de investigação do desaparecimento de Honestino Guimarães continuam hoje com a reunião da Comissão dos Desaparecidos da Câmara dos Deputados, quando os parlamentares tomarão conhecimento dos depoimentos tomados pela OAB/DF. Na segunda-feira da próxima semana, o relator do processo do líder estudantil na OAB, Antônio Carlos de Almeida Castro, encontra-se com o vice-governador do Rio de Janeiro Nilo Batista.

Ele irá solicitar ao vice-governador sua interferência junto ao Cenimar para que a OAB/DF tenha acesso à ficha de Honestino Guimarães.